

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
TEOLOGIA

Andreia Marques Barbosa

A ALEGRIA DO EVANGELHO E O PROCESSO SINODAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Paulo
2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Andreia Marques Barbosa

A ALEGRIA DO EVANGELHO E O PROCESSO SINODAL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes.

**São Paulo
2024**

A ALEGRIA DO EVANGELHO E O PROCESSO SINODAL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes.

Aprovado em: ____ / ____ / _____

Prof. Dr. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes

Dedico este trabalho a Doracina Rosa Cruz, (Irmã Dora), por sempre me apoiar em meus estudos acadêmicos e na minha caminhada de fé, junto à Congregação das Religiosas da Assunção. Obrigada pelas horas dedicadas e pela presença amiga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre acompanhar e orientar nos seus caminhos.

À minha comunidade religiosa, que sempre me apoiou em tudo.

Aos meus professores de teologia, que me incentivaram a querer aprender sempre mais. Em especial ao Professor Dr. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes, que me orientou na conclusão deste trabalho.

Aos meus colegas e amigos, das diferentes turmas pelas quais passei ao longo destes quatro anos; com eles, o fazer teologia se tornou mais doce.

Por fim, agradeço ao Papa Francisco, por encher de esperança o nosso mundo, com sua belíssima teologia encarnada na realidade.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de maneira mais profunda a teologia do Papa Francisco e demonstrar a sintonia existente entre essa teologia e o seu agir pastoral. Desde o início do seu pontificado o Papa Francisco deixou isto bem claro quando fez um convite direto a todo o Povo de Deus para “caminhar juntos” e contribuir para que a Igreja encontre e viva caminhos novos. Percebe-se a preocupação do Papa com a escuta e o diálogo que sempre foi uma constante na vida e no agir de Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Na *Evangelii Gaudium* e no processo do Sínodo sobre a sinodalidade, a eclesiologia do Papa propõe, para toda a Igreja, uma maior participação e compromisso dos batizados, a fim de que possam viver sua vocação em plenitude.

Palavras-chave: Caminhar Juntos; Sinodalidade; *Evangelii Gaudium*; Eclesiologia.

ABSTRACT

This paper's goal is to analyse in a deeper way Pope Francis' theology and demonstrate it's tuning with he acts pastorally. Since the beginning of his pontificate, he has directed the Church towards a new moment. He invited all the People of God to walk together. Through Francis understanding of listening and dialoguing we can visualize what was constant in Jesus life and actions, and also in the life and actions of the first Christian communities. In *Evangelii Gaudium* and the synodal process of the Synod on Synodality, the Pope's ecclesiology presents his polyhedric way of guiding the Church to a greater participation and engagement of each baptized person seeking to live his/her vocation in its fullness.

Key words: To walk together; Synodality; *Evangelii Gaudium*; Ecclesiology.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO	6
ABSTRACT.....	7
SUMÁRIO	8
INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO I JESUS ENSINA À CAMINHARMOS JUNTOS	11
1.1. Elementos do início de seu ministério	12
1.2. Convocação dos Primeiros discípulos.....	16
1.3. A vida de comunidade.....	21
CAPÍTULO II.....	26
A <i>EVANGELII GAUDIUM</i> COMO PROPOSTA ATUAL DO “CAMINHAR JUNTOS” DE JESUS.....	26
2.1. O Estilo Comunitário Apresentado	27
2.2. As estratégias concretas do caminhar juntos explicitadas	33
2.3. Os caminhantes atuais deste “caminhar juntos”	37
CAPITULO III UM PROCESSO SINODAL EM CURSO	42
3.1 A escuta	43
3.2 A assembleia.....	45
3.3. O relatório	48
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

A Igreja, desde a sua origem, nas primeiras comunidades dos discípulos e discípulas de Jesus, vivenciou um modo de ser participativo, onde a missão era entendida e vivida como responsabilidade de todos os que aderiam ao seguimento de Jesus. A proposta do Papa Francisco, desde o início do seu pontificado e, em particular, através do caminho sinodal que propôs, vem do Concílio Vaticano II. Não se trata de uma dimensão que Francisco quer acrescentar à Igreja. A palavra não está especificada ou nomeada em outros lugares, mas, para ele, significa um retorno às origens da própria Igreja, bem como ao modo de vida das comunidades eclesiais no primeiro milênio de sua história.

Na Igreja Católica, portanto, a prática dos sínodos remonta aos primeiros séculos do Cristianismo quando os bispos e líderes eclesiásticos se reuniam periodicamente para discutir questões teológicas, pastorais e disciplinares que afetavam a comunidade cristã como um todo. Um exemplo é o texto da Assembleia de Jerusalém, narrada por Lucas nos Atos dos Apóstolos (At 15).

Esta Igreja sinodal, que ouve com atenção, acolhe e integra a todos e todas, que está interessada com o que está acontecendo no mundo, foi retomada no Concílio Vaticano II (1962-1965). Uma das Constituições dogmáticas, considerada fundamental no último Concílio e, a partir de então, norteadora para o processo de abertura da Igreja, afirma: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo". (GS 1)

A constituição dogmática *Gaudium et Spes* foi atentamente lida e incorporada na caminhada eclesial da Igreja na América Latina, que pouco tempo após o encerramento do Concílio se reuniu em Medellín (1968) para encontrar uma forma de concretizar as decisões conciliares em uma realidade que, naquele momento, era marcada por ditaduras e muita exploração. Desde Medellín, o método "ver, julgar e agir", - que vem sendo utilizado pela Igreja da América-Latina, explicitado ou não - vivencia elementos de sinodalidade na prática, na concretude da vida das comunidades que já faziam uma caminhada sinodal. Nessa realidade, as mulheres tiveram um papel indiscutível nas decisões comunitárias em nosso continente, sobretudo onde faltava presença contínua do clero. O Método ver, julgar e agir foi

sendo atualizado para responder ao momento vivido pelas comunidades. No Sínodo da Amazonia podemos observar um exemplo claro dessa realidade.

Os gestos e as palavras de Jesus se manifestam como uma fonte perene de esperança, a Boa Notícia para toda humanidade. Essa Boa Notícia, à medida que o tempo avança, desafia a Igreja peregrina a repensar sua maneira de transmitir a mensagem de Jesus a fim de ser cada vez mais fiel a sua missão. Por isso, o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, lançada em 2013, orientou a Igreja para sua missão no mundo atual. O pensamento do Papa, podemos reconhecer, é profundamente influenciado por sua formação intelectual e sua experiência na vida da Igreja latino-americana.

O presente trabalho apresentará alguns aspectos do caminhar da Igreja que, desde sua origem, buscou entender e vivenciar a mensagem de Jesus e transmiti-la a todos. Na busca constante de ser fiel ao mandato de Jesus, a Igreja atual quer continuar sendo “Sal da terra e Luz do mundo” (Mt 5, 13-16), para iluminar e dar sentido para todos aqueles que buscam o sentido da vida.

Sendo assim, este trabalho será composto por três capítulos, procurando fazer um caminho que percorre a vida de Jesus e de seus primeiros discípulos; mergulha na “Alegria do Evangelho” proposta pelo Papa Francisco e chega, então, ao processo sinodal que toda a Igreja está vivendo desde 2021.

O primeiro capítulo apresentará a vida de Jesus e o caminho que ele faz com os primeiros discípulos e discípulas, seu itinerário, desde o batismo até o envio missionário, e os desdobramentos do “ser discípulo”. Além disso, apresentará as implicações que o encontro com Jesus suscitou nos discípulos, bem como o aprendizado para viver em comunidade.

No segundo capítulo, continuaremos abordando esse itinerário de Jesus, apresentando-o juntamente com o documento *Evangelii Gaudium*, primeiro documento considerado inteiramente do Papa Francisco e que pode ser concebido como o plano de ação do seu pontificado. Neste documento, acentua-se a missionariedade da Igreja, a relação de diálogo com o mundo atual e com as várias religiões, a preocupação com a justiça social e o cuidado com a criação. Pontos que se revelariam como “linhas-mestras” do pensamento de Francisco e que se desdobrariam em seus documentos posteriores.

Por fim, no terceiro capítulo, abordaremos o processo sinodal em curso: sua aplicação, os principais temas abordados e suas consequências para o caminho de

diálogo que vem sendo feito pelo Papa Francisco com o mundo hodierno. O caminho sinodal quer partir das igrejas particulares, da base, da escuta de todos, sem quaisquer restrições, a fim de superar qualquer tentação de uniformidade, procurando a unidade na diversidade.

A grande caminhada sinodal está em curso, e o Papa Francisco tem desejado que toda a Igreja, todo o Povo de Deus, guiada pelo Espírito Santo, seja ouvida neste processo. Com as luzes do Espírito, somente assim, a Igreja continuará por caminhos que geram vida e será testemunha fiel de Jesus.

CAPÍTULO I

JESUS ENSINA À CAMINHARMOS JUNTOS

A Igreja, povo de Deus, atravessa um período em que procura direcionar a atenção dos batizados para um maior engajamento com a vocação que lhes foi confiada por Jesus, expressa nos imperativos "Vem, segue-me" e "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura". Essas frases de chamado e envio lembram ao cristão sua pertença a Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, convocam a assumirem o compromisso de ser mensageiros do Reino de Deus.

Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo. (cf. At 1,8). (DAp 145)

O Papa Francisco, seguindo as pegadas do Concílio Vaticano II, tem chamado todos os membros da Igreja a serem fiéis ao seu batismo e ao compromisso que o cristão faz de caminhar com Jesus. Por meio do batismo, o cristão passa a pertencer ao Povo de Deus, se torna sacerdote, profeta e rei:

Os batizados tornaram-se «pedras vivas» para «a edificação dum edifício espiritual, para um sacerdócio santo» (1 Pe 2, 5). Pelo Baptismo (*sic*), participam no sacerdócio de Cristo, na sua missão profética e real, são «raça eleita, sacerdócio de reis, nação santa, povo que Deus tornou seu», para anunciar os louvores d'Aquele que os «chamou das trevas à sua luz admirável» (1 Pe 2, 9). O Baptismo (*sic*) confere a participação no sacerdócio comum dos fiéis. (CIC 1268)

Como membro do Povo de Deus, a missão primordial do cristão é seguir os passos de Jesus e ter uma vida comprometida no anúncio do Reino por palavras e pelo testemunho, assim como fez e ensinou Jesus.

O início do ministério de Jesus é marcado por alguns fatos, apresentados pelos quatro evangelistas: o Batismo feito por João no Rio Jordão; a tentação no deserto; a ida a Cafarnaum; o chamado dos discípulos; o anúncio do Reino e o convite à conversão. Seu ministério foi exercido em itinerância, pois era urgente anunciar o Reino de Deus: "A vida itinerante de Jesus no meio deles é símbolo vivo de sua liberdade e de sua fé no Reino de Deus [...]" (PAGOLA, 2013, p. 114).

1.1. Elementos do início de seu ministério

Nos relatos do início de seu ministério, percebemos que Jesus compreendeu, gradualmente, a totalidade de sua missão. Um dos eventos que mais contribuiu para compreensão da plenitude de seu ser e de sua missão foi seu encontro com João Batista, quando foi batizado por ele. Neste momento, o Espírito Santo desceu sobre Jesus em forma de pomba e a voz do Pai confirmou que Ele estava seguindo o caminho que lhe havia sido indicado: “E, logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: ‘Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo’” (Mc 1, 10-11). Através dessa passagem, compreendemos que a vida e a missão de Jesus são comunitárias, assim como a Trindade. Ele se percebe como parte de um todo, e seu modo de agir revela o rosto da Trindade na humanidade. É nesse sentido que Jacinto vai nos dizer que

O Verbo encarnado, ao ser ungido em sua humanidade pelo Espírito, está voltado para o cumprimento da missão para a qual o Pai lhe enviou. E a teologia batismal revela exatamente que Jesus é Cristo, pois ungido; e é, ao mesmo tempo, Filho, segundo a voz vinda dos céus. São dimensões inseparáveis que dão visibilidade à epifania Trinitária: O Filho é ungido pelo Espírito e manifesta-se a condição de Filho de Deus. Por isso, deve-se afirmar que desde o princípio está a comunhão! (JACINTO, 2022, p. 69)

O batismo de Jesus confirma que ele está pronto para iniciar sua missão. A unção do Espírito e a proclamação de Deus revelando que Ele é o seu Filho, marca o início de seu ministério. Esse início mostra uma estreita comunhão entre os homens e Deus. Jacinto (2022, p. 68) nos diz que “A partir desse momento, o mistério de Deus está acessível, totalmente desnudo, e o que separava o finito do infinito agora é comunicável e os homens podem participar da intimidade de Deus”.

Jesus, ao ser batizado, inicia sua missão de modo diferente. Sua pregação rompe com o estilo da pregação de João Batista. Jesus reconhece que a religião oprime e exclui o povo em diferentes situações e quer revelar o rosto de Deus que vem para salvar a todos.

Os Evangelhos sinóticos relatam que logo após Jesus ser batizado, ele é impelido pelo Espírito ao deserto, onde, em oração, vence as tentações de seu tempo a fim de cumprir plenamente sua missão. “O messianismo aberto com o batismo e, agora, demonstrado através do relato das tentações contradiz as expectativas

contemporâneas do tempo de Jesus. Ele permanece fiel à sua missão recebida de Deus” (JACINTO, 2022, p. 74).

O messianismo de Jesus foi diferente daquele que o povo de sua época esperava, e, por isso muitos não o reconheceram como o enviado de Deus. O povo esperava um messias que viria com poder, para destruir todos os opressores e inimigos do povo; um líder político que resolveria todos os problemas, por meio da força e do poder. Contudo, Jesus se revela o Messias, indo na contramão disso. Seu messianismo seria marcado pela doação de si e pelo serviço na busca do bem dos outros, isso tudo conforme aquilo que Jesus identificava como sendo o núcleo da vontade de Deus: a libertação integral do ser humano e a promoção da vida (cf. Jo 10, 7-18), principalmente àqueles a quem isso era negado, devido às injustiças:

A partir de então, Ele está subordinado a esta missão. Os três Evangelhos sinópticos contam-nos, para nossa surpresa, que a primeira ordem do Espírito é levá-lo para o deserto "para aí ser tentado pelo demônio" (Mt 4, 1). O recolhimento interior precede à ação, e este recolhimento também é necessariamente uma luta pela sua missão, uma luta contra as deturpações da missão que se oferecem como suas reais realizações. A missão consiste em descer aos perigos do homem, porque só assim pode o homem caído ser levantado: Jesus deve (isso pertence ao cerne da sua missão) penetrar no drama da existência humana, atravessá-lo até seu último fundo, para encontrar a "ovelha perdida", colocá-la nos seus ombros e levá-la para casa. (BENTO XVI, 2007, p. 40).

As tentações que Jesus enfrentou no deserto foram um momento crucial, e permite compreender vários aspectos de sua missão e sua identidade como o Filho de Deus e Salvador. Jesus não caiu na tentação do messianismo de poder, não aceitou se vincular com nenhum poder de sua época, o que significaria apresentar ao povo uma face deturpada de Deus, ocultando do povo aquela que seria a sua verdadeira face. No enfrentamento a satanás, Jesus reafirma a verdadeira face de Deus. “O debate teológico entre Jesus e o demônio é uma disputa que diz respeito a todos os tempos acerca da correta explicação da Escritura, cuja questão hermenêutica fundamental consiste na pergunta a respeito da imagem de Deus” (BENTO XVI, 2007, p. 47).

A verdadeira missão de Jesus, enquanto Messias, não era compreendida em sua época, nem mesmo pelos discípulos que só começaram a entendê-la realmente à luz da Ressurreição, que permitiu, inclusive, reler em outro sentido o episódio

traumático da cruz. Na verdade, havia uma multiplicidade de expectativas em relação ao Messias, muitas delas discordantes entre si. Sobrino elenca algumas delas:

No tempo de Jesus existiam diversas expectativas sobre a figura do Messias: se a vitória sobre os inimigos seria efetuada pelo próprio Deus ou pelo Messias com ações prodigiosas; se este seria sacerdote ou rei, se seria um rei 'guerreiro' (por exemplo nas Odes de Salomão 17 e18) ou rei justo e pacífico (Zc 9,9s). Mas em tudo isso há algo comum que é importante frisar. Em primeiro lugar, o Messias esperado seria da descendência de Davi; seria, portanto, um ser histórico, não uma figura mística, cósmica, celestial. Em segundo lugar, realizaria sua missão sobre a terra e instauraria um reinado histórico – expressão mais exata que a de reinado político. Em conclusão, o Messias esperado seria uma figura pública – e nesse sentido podia ser pensado também como figura política – mas o decisivo é que responderia às esperanças do povo e iria atuar para transformar a situação de Israel. (SOBRINO, 2000, p. 219)

Com Jesus, se descobre que a verdadeira missão do Messias era anunciar o Reino, mostrar um rosto humano de Deus que desceu à humanidade para revelar a sua vontade salvífica baseada no amor, que se desdobra na libertação do povo sofrido. Jesus veio para devolver a esperança ao povo que vivia oprimido.

Jesus, como um bom observador de seu tempo e dos anseios do seu povo, inicia sua missão anunciando o Reino: “Completo-se o tempo, e está próximo o Reino de Deus. Converti-vos e crede no evangelho!” (Mc 1,15). Jesus ensinou até mesmo nas sinagogas: “tendo entrado na sinagoga, Jesus ensinava. Extasiavam-se com o ensinamento dele, pois ele estava ensinando-os como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1, 22b-23). Anunciar o Reino por meio de palavras e ações era o seu modo de consolar e salvar o povo que vivia sob a opressão dos impérios e sob o pecado. Jesus, em todas as suas ações, personificava a semelhança original entre o homem e Deus, revelando e restaurando essa conexão profunda entre o divino e o humano, conforme destacado por Sesboüé:

Cristo aproveita a semelhança original entre o homem e Deus para vir entre nós, encarnando-se à nossa semelhança: por essa razão, ele respeita nossa condição humana, partilhando-a em tudo, desde seu nascimento até a sua morte. Simultaneamente, ele nos revela essa semelhança original e a restaura. Todo o seu comportamento tornou-se um agir do homem, mas de um homem perfeito, que cumpre totalmente o desejo criador de seu Pai. Estabelece entre seu Pai e nós uma solidariedade e uma comunhão nova. Mostrou-nos como o amor de Deus por nós podia expressar-se com toda a ternura de um homem. (SESBOÜÉ, 2021, p. 338)

Jesus dá início a sua vida pública em Cafarnaum, na Galileia, como é narrado nos Evangelhos sinóticos. Ele escolheu um lugar estratégico, pois “a população de Cafarnaum é composta de judeus, se excetuarmos, talvez, os arrecadadores de impostos, alguns funcionários e, provavelmente, uma pequena guarnição do exército de Antipas” (PAGOLA, 2013, p. 110).

Cafarnaum era um lugar de trânsito, onde passavam muitas pessoas de todas as regiões, por causa da rota de comércio, a Via Maris, estrada de principal circulação comercial que ligava o Egito aos outros impérios, ao longo da costa da Palestina (GASS, 2005, p. 112). Jesus provavelmente escolheu essa localização pelo fato de facilitar o acesso a outras cidades e pela possibilidade de convivência com as pessoas simples:

A própria indicação geográfica oferece um lugar teológico que merece bastante consideração. A Galileia era o local dos impuros e ignorantes. Portanto, em seu programa missionário, Jesus decide não se comunicar primeiramente aos grandes, sábios, influentes, importantes, poderosos e privilegiados. Jesus opta pelos considerados indignos, mais suspeitos e impuros. (JACINTO, 2022, p. 78)

A mensagem central de Jesus era anunciar o Reino de Deus e dar a todos o conhecimento da Salvação. Jesus convidava as pessoas a se converter, a mudar de vida. (Mt 4,17) Pelas suas ações, Jesus mostrava que todos tinham acesso à Salvação e que ela era dom gratuito de Deus para aqueles que desejassem dela participar.

A salvação que Jesus anunciou é participativa, incorpora o esforço humano que acolhe, que interpreta e a atualiza na história. Durante muito tempo, até à época de Jesus, o povo viveu subjugado por diversos impérios que se iam se impondo, um após o outro. Além disso, a forma que a experiência religiosa em Israel foi assumindo ao longo do tempo, acabava privando uma incontável multidão de participar, não só da vida religiosa, mas, e isso era inevitável (uma vez que religião e vida política, econômica e social não estavam separadas), do convívio e proteção sociais. Era preciso recuperar no povo a consciência e o compromisso de ser Povo *de Deus*. Por isso, o enviado do Pai anuncia que a Salvação é para todos que aderem aos seus ensinamentos. E ao mesmo tempo denuncia toda forma de opressão. “Jesus denunciou os fariseus, sacerdotes, escribas e Herodes. Porém essas denúncias não são propriamente ações políticas. São ações messiânicas. Jesus queria ser livre e por

isso rejeita a submissão às categorias de quem tinha usurpado o poder de Israel.” (COMBLIN, 1998, p. 39).

A Boa Notícia, que era o próprio Jesus no meio do Povo e o anúncio de que o Reino estava próximo, trouxe para aquele povo sofrido a esperança:

Quando Jesus diz que o Reino de Deus está próximo para os pobres (Mt 11,5; Lc4,18) e não para os “justos”, faz uma primeira afirmação importante sobre o que significa que o Reino de Deus se aproxima. E é justamente este modo de aproximar-se o Reino de Deus que provoca escândalo (Mt 11, 6): Deus dá uma esperança aos que nunca a tiveram (CARAVIAS, 1987, p. 88).

Para bem desempenhar sua missão, Jesus não pretendeu ser um peregrino solitário, pelo contrário, procurou formar uma comunidade para juntos trabalharem pelo anúncio da Boa Nova.

1.2. Convocação dos Primeiros discípulos

Jesus, dando continuidade à missão que recebeu do Pai, convoca homens para o ajudarem nessa missão. Jesus inicia seu ministério chamando individualmente seus seguidores. São homens simples que estavam trabalhando em busca de sua subsistência e de suas famílias: “Eram pessoas simples e não muito apegadas às leis, pelo menos em seus detalhes. Sinal disso, é o fato de comerem sem lavar as mãos (Mc 7,2), de não jejuarem (Mc 2, 18) e de não cumprirem a lei oral quanto ao sábado”. (GASS, 2005, p. 103)

Ao aceitarem o convite de seguir Jesus, houve na vida desses homens uma mudança radical, no modo de se relacionarem com a família, com a casa, com o trabalho, tudo foi transformado. Eles encontraram em Jesus a esperança e a força necessárias para mudar a própria vida e a vida das pessoas.

Os primeiros seguidores de Jesus iam observando o seu modo de agir e como o povo precisava de alguém que falasse com autoridade; que curasse os feridos; que devolvesse o protagonismo aos excluídos da sociedade; que comunicasse a esperança.

Jesus chama os discípulos para viverem na intimidade com Ele. A convivência com Jesus renova neles a esperança, a fé na promessa de Deus, o desejo de que a

libertação chegue para todas as pessoas que sofriam com a opressão dos poderosos de seu tempo. Os discípulos aderem à proposta de Jesus, pois ela vai ao encontro aos seus anseios.

Os sinóticos narram o chamado dos discípulos de Jesus de maneira bastante semelhante, embora com algumas variações de detalhes. Os quatro primeiros discípulos que foram chamados eram pescadores e o quinto era cobrador de impostos. Todos estavam trabalhando: pescando, consertando as redes, coletando impostos. As informações do chamado dos primeiros discípulos se limitam a um número pequeno, não se tem informações de como foram chamados os outros discípulos que seguiam a Jesus.

O Evangelista Lucas irá narrar que, em alguns casos, é a própria pessoa quem se aproxima de Jesus e se auto-convida para segui-Lo: “Enquanto eles iam pelo caminho, alguém lhe disse: ‘Eu te seguirei para onde quer que vás’” (Lc 9, 57). Contudo, Jesus adverte que para segui-lo são exigidas renúncias quem nem todos estão preparados para viver de imediato. Lucas também deixa evidente que havia mulheres que seguiam a Jesus. Algumas que foram curadas de algum problema de saúde; mulheres que, inclusive, possuíam bens que eram postos a serviço da causa de Jesus, o que denota, nesse sentido, a importância que tinham no movimento de Jesus, para que a missão fosse realizada com o mínimo de êxito:

Depois disso, Jesus percorria cidades e povoados proclamando e anunciando o evangelho do Reino de Deus [...]. E algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos maus e de doenças: Maria, chamada de Mágdala, da qual haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, oficial de Herodes; Susana; e muitas outras que serviam com seus bens. (Lc 8, 1-3)

O evangelista João traz informações diferentes sobre o chamado dos primeiros discípulos. Em um primeiro momento, João (o Batista) aponta para Jesus e diz aos seus discípulos: “Eis o cordeiro de Deus!” (Jo 1, 36). Mais adiante, o evangelista diz que os discípulos iam, após o encontro pessoal com Jesus, chamando parentes e amigos para segui-lo: “André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido o que João dissera e tinham seguido Jesus. Ele encontrou, por primeiro, seu irmão Simão e lhe disse: ‘encontramos o Messias’” (Jo 1, 40-41). E ainda, Felipe que chama seu amigo Natanael: “Felipe encontrou Natanael e lhe disse: ‘encontramos aquele a quem Moisés escreveu na Lei, como também os profetas: Jesus, filho de José, que vem de Nazaré’” (Jo 1,45). É possível observar um maior diálogo entre os

próprios discípulos e o seu papel de mediadores em relação a Jesus, com o testemunho que dão dele.

João Batista apresenta Jesus como o Messias que o povo esperava, passo importante para a continuidade da História da Salvação. Ligando o Antigo Testamento com o Novo Testamento, cumprindo a profecia do profeta Isaías: “Uma voz proclama: no deserto, preparai o caminho do Senhor” (Is 40,3).

O relato da convocação dos primeiros discípulos de Jesus, inicia-se com o testemunho de João Batista: Os discípulos dele passam a seguir Jesus. O mestre deles deixa de ser João, eles agora seguem o verdadeiro Mestre. E Jesus inicia sua missão com a formação da comunidade.

Com Jesus tudo começa diferente. O temor do juízo dá lugar à alegria de acolher a Deus, amigo da vida. Ninguém mais fala de sua “ira” iminente. Jesus convida à confiança total num Deus Pai. Não só muda a experiência religiosa do povo. A própria figura de Jesus se transforma. Ninguém o vê agora como um discípulo ou colaborador do Batista, mas como profeta que proclama com paixão a chegada do reino de Deus [...] (PAGOLA, 2013, p. 106)

Jesus começa de modo estratégico a formar sua comunidade, tinha consciência de que o trabalho seria árduo e que precisaria de pessoas que, juntamente com Ele, trabalhassem no anúncio do Reino do seu Pai: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9, 37).

Os apóstolos não tinham tão claro qual seria a missão. Foi na convivência, dia a dia, com o mestre, que eles foram descobrindo, pouco a pouco, esse novo jeito de ser e viver em sintonia com Deus e no cuidado com os irmãos. Os discípulos são convocados para formar uma comunidade de aprendizado no Amor, algo que o Concílio Vaticano II soube bem resgatar:

Do mesmo modo que Deus não criou os homens para viverem isolados, mas para se unirem em sociedade, assim também Lhe «aprouve... santificar e salvar os homens não individualmente e com exclusão de qualquer ligação mútua, mas fazendo deles um povo que O reconhecesse em verdade e O servisse santamente» (13). Desde o começo da história da salvação, Ele escolheu os homens não só como indivíduos, mas ainda como membros duma comunidade. Com efeito, manifestando o seu desígnio, chamou a esses escolhidos o «seu povo» (Ex. 3, 7-12), com o qual estabeleceu aliança no Sinai. (14).

Esta índole comunitária aperfeiçoa-se e completa-se com a obra de Jesus Cristo. Pois o próprio Verbo encarnado quis participar da vida social dos homens. Tomou parte nas bodas de Caná, entrou na casa de Zaqueu, comeu com os publicanos e pecadores. Revelou o amor do Pai e a sublime vocação dos homens, evocando realidades sociais comuns e servindo-se de modos de falar e de imagens da vida de todos os dias. Santificou os laços sociais e antes de mais os familiares, fonte da vida social; e submeteu-se livremente

às leis do seu país. Quis levar a vida dum operário do seu tempo e da sua terra. (GS 32)

A convivência com Jesus foi capacitando-os, pouco a pouco, para uma vida comunitária onde a missão era compartilhada e o aprendizado era feito em grupo, na prática e com exemplos concretos. Jesus não se instalou em um único lugar, mas percorreu várias cidades para anunciar o Reino de Deus.

As sinagogas eram lugares estimados por Jesus para encontrar-se com o povo do local e para anunciar o Reino: “Depois disso, Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Notícia do Reino de Deus” (Lc 8,1). Ele ia pregando e ensinando por meio de palavras e ações concretas. Todo o povo era tocado por seus ensinamentos, “pois ensinava com autoridade” (Mc 1,22). A autoridade de Jesus se concretizava na ação libertadora que ele exercia ao encontrar-se com as pessoas marcadas pela opressão:

Não somente Jesus fala e ensina na sinagoga, mas também sua palavra se torna eficaz na cura e na libertação do poder do mal. Ele é, em sua pessoa, o sacramento de Deus, portador da salvação para a felicidade dos homens [...]. A força do Evangelho atinge os ouvintes em profundidade, e a ordem dada de deixar o doente também é obedecida. (SESBOÜÉ, 2021, p. 375)

O chamado para seguir Jesus sempre foi gratuito, as pessoas eram livres para aceitar ou não. Mesmo sendo livre, Jesus sempre deixou evidente que segui-lo exigia um compromisso pessoal: “Se alguém quiser seguir atrás de mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me!” (Mc 8, 34). Esse compromisso ajudava os discípulos a serem protagonistas na história.

O Testemunho de vida cristã é pautado no seguimento a Jesus, por isso, o agir de cada cristão se torna essencial. Somente pelo testemunho de vida enraizada no Evangelho, é que o cristão pode atrair seguidores para a continuação da obra iniciada por Jesus:

Jesus não deixou para atrás de si uma ‘escola’, no estilo dos filósofos gregos, para continuar aprofundando-se na verdade última da realidade. Tampouco pensou numa instituição dedicada a garantir no mundo a verdadeira religião. Jesus pôs em marcha um movimento de ‘seguidores’ que se encarregassem de anunciar e promover seu projeto do ‘Reino de Deus’. Daí provém a Igreja de Jesus. Por isso, não há nada mais decisivo para nós do que reativar sempre de novo, dentro da Igreja, o seguimento fiel à pessoa de Jesus. O seguimento de Jesus é a única coisa que nos faz cristãos. (PAGOLA, 2013, p. 569)

Jesus ofereceu esperança de uma vida transformada: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, eu vos darei descanso!” (Mt 11, 28); uma

vida de perdão dos pecados, de reconciliação com Deus e de promessa de vida eterna. Suas palavras e ensinamentos ressoaram profundamente nos corações dos discípulos, inspirando-os a abandonar tudo em busca dessa nova vida.

Os discípulos de Jesus não deixaram seus interesses pessoais por qualquer coisa. Quando Jesus os chamou, Ele ofereceu a eles a oportunidade de fazer parte de algo maior do que eles mesmos: anunciar que o Reino de Deus estava próximo e convidar as pessoas para se converterem. Ele os convidou para se tornarem seus seguidores, aprendizes e colaboradores no estabelecimento do Reino de Deus na terra.

O agir de Jesus foi pautado na vontade do Pai; Ele não veio para mudar a lei de Deus, ao contrário, procurou dar-lhe pleno cumprimento, como nos diz o evangelista Mateus (Mt 5, 17). Mas como ensinar isso aos Apóstolos? Foi percorrendo as vilas e cidades que Jesus ajudou seus seguidores a descobrirem o verdadeiro sentido de sua missão e a conhecerem o verdadeiro desejo do Pai.

Jesus entendeu que para cumprir a vontade do Pai devia anunciar a Boa Nova aos pobres, como se destaca no Evangelho segundo Lucas, ao narrar a ida de Jesus a uma sinagoga em Nazaré, onde ele aplica a si mesmo uma profecia de Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me ungiu. Ele me enviou para anunciar o evangelho aos pobres: para proclamar aos cativos a liberdade e aos cegos a recuperação da vista, para pôr os oprimidos em liberdade [...]” (Lc 4,18-19).

Jesus confia a seus discípulos continuarem a missão de transmitir a revelação dada a eles a conhecer. Jesus revela a seus seguidores que Deus é amor. Presente no meio dos discípulos, anuncia e ensina a conviverem na fraternidade e na solidariedade e a serem anunciadores da Salvação, como Ladaria procura ressaltar:

Em sua vinda ao mundo, dando-nos a conhecer a glória que lhe corresponde com Filho único do Pai, Jesus nos revelou Deus, que ninguém pôde ver e que habita em uma luz inacessível a todo ser humano (cf. Ex 33, 20; 1Tm 6,16). Deu-nos a conhecê-lo fazendo-nos participantes de sua vida, dando-nos de sua plenitude, comunicando-nos sua graça e sua verdade. A revelação de Deus em Cristo não é uma simples comunicação de “verdades”, mas comporta uma doação de sua própria vida. É uma autêntica “autocomunicação” de Deus. Por esta razão, a atitude de fé é fundamental para o acesso a essa revelação divina. Em Jesus não só podemos ver o Pai, mas temos também o único caminho de chegar até Ele. (cf. Jo 14, 6-9). (LADARIA, 2015, p. 21)

Jesus é a plenitude da revelação de Deus, e os discípulos, ao aceitarem a missão de serem apóstolos, dão testemunho de que Deus é o único bem necessário à vida e que anunciá-lo se torna a razão da existência humana.

1.3. A vida de comunidade

A vida em comunidade, na perspectiva cristã, tem sua raiz e seu maior exemplo na Santíssima Trindade, ela que, como nos diz Leonardo Boff, é a melhor comunidade. A comunidade formada por Jesus, vivenciou e aprofundou esse grande mistério: a convivência com Jesus e sua ligação direta com o Pai e o anúncio do Espírito que viria para instruí-los na continuidade da missão.

A comunidade organizada por Jesus tinha pessoas de diferentes personalidades. Eram homens considerados pobres, sem grande poder aquisitivo e pessoas que, para a sociedade de sua época, não eram contados ou reconhecidos como membros. Os membros desta comunidade tinham em comum o chamado do mestre, o reconhecimento como pessoas dignas de pertencer ao grupo e a adesão pessoal de caminhar junto a Jesus. Todos tinham admiração e estavam atentos aos ensinamentos de Jesus:

Naquele grupo de seguidores há pessoas de diferentes procedências, mas Jesus vê a todos como uma família. A nova família que Deus quer ver crescer no mundo. Em torno dele irão aprender a conviver, não como aquela família patriarcal que deixaram para trás, mas como uma família nova, unida pelo desejo de fazer a vontade de Deus. Jesus dizia abertamente: 'Estes são minha mãe e meus irmãos. Quem cumprir a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe'. (PAGOLA, 2010, p. 346-347).

A primeira comunidade dos seguidores de Jesus era itinerante, não estava fixa em um lugar, sua missão primordial era o anúncio do Reino. Por isso, Jesus, por onde andava, ia ensinando a seus discípulos a olharem a realidade e a reinterpretarem-na a partir da Palavra de Deus, sempre ensinando que a vida de todos os filhos de Deus era mais importante do que qualquer lei que não levasse isso em conta. As curas em

dia de sábado sempre foram exemplos claros da importância e da proeminência que a vida do ser humano tinha para Jesus:

O jeito como Jesus se relacionava com o Deus da vida refletia-se na forma como tratava o povo. Tudo o que fazia estava em função da vida. Falava muito em parábolas. (Mt 13) Por um lado, as imagens do cotidiano ajudavam a compreender melhor seu recado. Por outro, esse método de comunicação é bem coerente com toda a sua metodologia de trabalho. Em tudo, ajuda as pessoas a serem sujeitos de sua própria caminhada. [...] (GASS, 2005, p. 177)

Jesus forma essa comunidade para dar ao mundo uma mensagem clara de que seu Pai é um Deus que vê o sofrimento do seu povo e se envolve com o drama humano; não é alheio a isso, e, justamente por isso, O envia como Salvador: “Eu vim para que todos tenham vida em abundância” (Jo 10,10). A vida plena, abundante, é para todos, mas especialmente para aqueles que sofrem sob o peso da opressão, das injustiças e das severas leis de sua época. Seu anúncio é leve, Ele cura os feridos, devolve a dignidade as pessoas, expulsa os demônios, orienta a todos na direção do Reino de seu Pai e anuncia a Salvação:

A salvação que Jesus anuncia é algo muito concreto e, ao mesmo tempo, muito abrangente: sua mensagem é Boa-Nova, não uma ameaça; uma mensagem de salvação, porque supera todas as potências de perdição; uma mensagem encorajadora, porque retira do medo do mundo o seu poder; uma mensagem curadora, porque é mais forte do que tudo o que há de patogênico no mundo; uma mensagem redentora e libertadora, pois quebra as cadeias do pecado e da culpa (AUGUSTIN, 2018, p. 15-16).

Nesta formação itinerante, Jesus ensina aos discípulos a olhar e a sentir o sofrimento das pessoas, a deixar-se tocar pelo sofrimento das pessoas e a agir com compaixão. Ajuda-os a enxergar o sofrimento do outro, como no episódio da multiplicação dos pães (cf. Mt 14). Jesus mostra a importância dos discípulos terem iniciativa e atuar em favor das necessidades daquelas pessoas: “Eles não precisam ir. Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14, 16). Ensinando, assim, que o sentir e a ação precisam andar juntos:

Ao sair da barca, Jesus viu grande multidão. Teve compaixão deles, e curou os que estavam doentes. Ao entardecer, os discípulos chegaram perto de Jesus, e disseram: ‘Este lugar é deserto, e a hora já vai adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar alguma coisa para comer.’ Mas Jesus lhes disse: ‘Eles não precisam ir embora. Vocês é que têm de lhes dar de comer.’ (Mt 14, 14-16)

As curas realizadas por Jesus, se tornavam um aprendizado para os discípulos. Ele ensinava por meio delas, mas as curas deveriam ser entendidas não como um fato mágico, e sim como sinal de que, com Ele, o Reino estava acontecendo; e isso se manifestava no processo de libertação da pessoa. A cura, normalmente, era realizada primeiro pelo ato de fé, seja de quem trazia o doente ou do próprio doente. Quem pedia a cura, acreditava e desejava melhores condições de vida. No segundo passo, a cura era entendida como o anúncio de que Deus veio salvar. E, por último, ela se convertia em um testemunho do Reino presente no meio do povo. Eram, todas, práticas concretas do amor de Deus pela humanidade:

E chegaram a Betsaida, trouxeram-lhe então um cego, rogando que Ele o tocasse. Tomando o cego pela mão, levou-o para fora do povoado e, cuspido-lhe nos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: 'Percebes alguma coisa?' E ele, começando a ver, disse: 'Vejo as pessoas como se fossem árvores andando'. Em seguida, Ele colocou novamente as mãos sobre os olhos do cego, que viu distintamente e ficou restabelecido e podia ver tudo nitidamente e de longe. (Mc 8, 22- 25)

Os discípulos iam aprendendo a importância da fé na pessoa de Jesus. Eles entendiam que os seus atos de cura, de todo tipo de enfermidade, eram sempre realizados em nome de Jesus, tal como se pode encontrar narrado nos Atos dos Apóstolos:

Pedro, porém, fitando nele os olhos, junto com João, disseram-lhe: "Olha para nós!" Ele os olhava atentamente, esperando receber deles alguma coisa. Mas Pedro lhe disse: "Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, põe-te a caminhar!" (At 3, 6-7)

Os ensinamentos de Jesus acontecem de diferentes modos: nas parábolas, no caminho, no silêncio, na escuta, no pedido; na cura em dia de sábado. Tudo se converte em oportunidade para introduzir, cada vez mais, os discípulos no entendimento mais profundo da dinâmica do Reino: a observação da árvore que não dá mais fruto; a observação da viúva depositando a oferta; a tempestade em alto mar...

As ações de Jesus, todas elas, serviam de aprendizado para os discípulos, pois logo eles seriam enviados a realizar sua missão. Os discípulos são enviados em missão, para proclamar o Reino de Deus e testemunhar o Evangelho ao mundo. Jesus os envia dois a dois, para irem a toda parte, curar os enfermos e anunciar que o Reino já se aproximou. "Essas são as duas grandes tarefas de seus enviados: dizer às

peças o quanto Deus está próximo e curá-las de tudo quanto introduz mal e sofrimento em sua vida” (PAGOLA, 2013, p. 354).

O retorno da missão também traz aprendizado para os discípulos. Eles voltam alegres, trazem consigo relatos de experiências transformadoras e testemunhos do poder de Deus agindo através deles. Eles compartilham, entusiasmados, histórias de cura, libertação: “Senhor, até os demônios submetem-se a nós em teu nome” (Lc 10, 17). E Jesus confirma que fizeram uma boa ação, mas ajuda-os a enxergar o real motivo pelo qual eles devem se alegrar: “Contudo, não vos alegreis porque os espíritos submetem-se a vós, mas alegrai-vos porque vossos nomes estão escritos nos céus” (Lc 10, 20).

O seguimento de Jesus não era exclusivo dos homens, as mulheres também seguiam a Jesus, faziam parte de sua comunidade. Nos Evangelhos, encontramos vários relatos que mencionam mulheres que acompanhavam Jesus em sua jornada. Algumas delas são mencionadas pelo nome em Lucas 8 e em Marcos: “estavam também ali algumas mulheres, olhando de longe, entre as quais Maria de Mágdala, Maria, mãe de Tiago Menor e de Joset, e Salomé” (Mc 15, 40).

A certa altura, diante dos efeitos e consequências de sua atuação pública, Jesus anuncia sua morte aos discípulos, mas eles têm dificuldade em compreender plenamente o significado e a necessidade desse evento. Em Mateus, Jesus começa a ensinar aos discípulos que Ele precisará sofrer muito, ser morto, mas que ressuscitará no terceiro dia. No entanto, Pedro repreende Jesus por falar sobre sua própria morte, e Jesus responde a Pedro dizendo: “Vai para trás de mim, Satanás! És motivo de tropeço para mim, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens”. (Mt 16, 21-23) Esse episódio demonstra que, embora Jesus tenha anunciado sua morte aos discípulos, eles tinham dificuldade em aceitar e compreender plenamente o que Ele estava dizendo. Sua compreensão da missão de Jesus e do significado de sua morte só se tornaria mais clara após o evento da Paixão e, principalmente, da Ressurreição do Senhor.

O evento da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, é central para a fé dos discípulos. Somente pela fé eles foram capazes de passar do medo, da desilusão, para a confiança e a coragem, somente pela fé é que puderam enxergar e sentir a alegria da presença de Cristo vivo no meio deles. Jesus ressuscitou e enviou sobre

eles o Espírito Santo. Esses dois fatos trouxeram para os discípulos alegria e coragem para irem e anunciarem a Boa Nova da Salvação:

A ressurreição é algo que aconteceu a Jesus. Algo que se produziu no crucificado, não na imaginação de seus seguidores. É esta a convicção de todos. A ressurreição de Jesus é um fato real, não produto de uma fantasia nem resultado de sua reflexão. Também não é uma maneira de dizer que despertou novamente sua fé em Jesus. É certo que no coração dos discípulos brotou uma nova fé em Jesus, mas sua ressurreição é um fato anterior, que precede tudo quanto seus seguidores podem ter vivido depois. É, precisamente, o acontecimento que os arrancou de sua perplexidade e frustração, transformando pela raiz sua adesão a Jesus. (PAGOLA, 2013, p. 494)

Anunciar Jesus Cristo, ser testemunha da Boa Nova, viver a alegria da ressurreição, ser testemunha e anunciador do Reino, é missão de todo cristão, que a recebe no momento de seu batismo: “Os cristãos têm o dever de o anunciar [Jesus], sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível.” (EG 14)

A profissão de fé dos discípulos após a Ressurreição de Jesus é um fator relevante para a continuidade da comunidade. A fé dos discípulos, a partir deste momento, se completou, chegou ao ponto mais alto possível, atingiu a maturidade. Eles já não estavam na presença física de Jesus; doravante, era a força do Espírito que os impelia e dava-lhes a coragem para continuar a missão de Jesus.

CAPÍTULO II

A *EVANGELII GAUDIUM* COMO PROPOSTA ATUAL DO “CAMINHAR JUNTOS” DE JESUS

A *Evangelii Gaudium* representa o marco inicial do pontificado do Papa Francisco. Neste documento, ele convoca todos os fiéis batizados a um novo momento da evangelização, destacando a necessidade de revitalizar a missão evangelizadora da Igreja no contexto contemporâneo. Isso requer aceitar plenamente as limitações humanas, sem comprometer a integridade do Evangelho. O Papa Francisco faz um apelo para que todos vivam enraizados na fé e no amor a Jesus Cristo, testemunhando a alegria de serem discípulos. É uma chamada para proclamar ao mundo que a Igreja deseja acolher a todos, seguindo o exemplo do Pai misericordioso, na alegria e no perdão, sem excluir ninguém. Este convite não é uma obrigação, mas uma expressão da alegria de servir e compartilhar o amor de Cristo. (EG 14).

Neste documento encontra-se o horizonte, o fio condutor, que o pontífice deseja para Igreja universal inserida neste nosso tempo. Sem tirar dos episcopados locais o devido discernimento das problemáticas que ali sobressaem, ele quer despertar nos cristãos a alegria que os discípulos experimentaram com a ressurreição de Jesus e impulsioná-los a serem testemunhas fiéis no seguimento de Jesus.

A alegria, como expressa na *Evangelii Gaudium*, é mais do que uma simples emoção passageira; é uma disposição profunda do coração que brota da experiência do encontro com o amor misericordioso de Deus. Assim afirmou o Papa Francisco: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”. (EG 1) O amor de Deus, maior do que qualquer coisa, é um amor que sempre nos abraça com ternura. Essa alegria transcende as circunstâncias externas e permeia todas as dimensões da vida, irradiando esperança, mesmo nas situações mais desafiadoras. Ainda que em meio às dificuldades e “[...] circunstâncias da vida, por vezes muito duras, adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de [...] sermos infinitamente amados”. (EG 6)

2.1. O Estilo Comunitário Apresentado

Na comunidade cristã, a alegria se manifesta como uma força transformadora, capacitando os cristãos a compartilharem o Evangelho com entusiasmo e generosidade, tornando-os testemunhas vivas do amor redentor de Cristo. É uma alegria que busca se espalhar, pois, quem a vive de verdade, não se contenta em guardá-la para si mesmo. Com sua luminosidade e vitalidade, é uma alegria contagiante e renovadora do mundo, que convida todos a participar da plenitude da vida em Cristo:

A proposta é viver a um nível superior, mas não com menor intensidade: «Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De facto, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais» Quando a Igreja faz apelo ao compromisso evangelizador, não faz mais do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal: «Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”. Isto é, definitivamente, a missão.» (EG 10)

A *Evangelii Gaudium*, com base no ensinamento de Jesus e centrada na Palavra de Deus, apresenta características de como ser comunidade. E neste contexto, o Papa Francisco apresenta diversas maneiras de evangelização que se fazem necessárias para o mundo no qual estamos vivendo. O Papa faz uma reflexão e propõe uma comunidade que busca, na comunhão com Jesus, viver a mesma itinerância que o mestre viveu, “fiel ao modelo do mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo.” (EG 23)

O Papa Francisco, desde os momentos iniciais de seu pontificado, delineia uma abordagem para aprofundar e esclarecer seu conceito de comunidade e Igreja diante dos desafios contemporâneos. Sua experiência profunda das angústias e necessidades do povo latino-americano influenciou profundamente sua visão pastoral, levando-o a destacar a importância do contato e da experiência com os marginalizados e excluídos da sociedade como um elemento central na vivência do Evangelho. Para Francisco, é nesse encontro com os mais vulneráveis e marginalizados que se revela o verdadeiro rosto de Jesus. Assim, ele advoga por uma

"Igreja em saída", que se manifesta na disposição da comunidade cristã de se envolver ativamente com o mundo, levando o amor e a mensagem de Cristo a todos os cantos da sociedade:

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de «saída», que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn 12, 1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: «Vai; Eu te envio» (Ex 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3, 17). A Jeremias disse: «Iráis aonde Eu te enviar» (Jr 1, 7). Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. (EG 20)

A comunidade, enquanto povo de Deus, deve manifestar o rosto do Pai misericordioso, tendo uma ação marcada pela misericórdia e compaixão, refletindo uma alegria contagiante que vem do seu modo de viver a austeridade e a simplicidade; deve estar atenta e se fazer próxima dos pobres e marginalizados; buscar sempre escutar e dialogar para a crescimento de seus membros. Nesse sentido, o Papa Francisco assim se manifesta:

No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo «Se fez pobre» (2 Cor 8, 9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, através do «sim» duma jovem humilde, duma pequena povoação perdida na periferia dum grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2, 24; Lv 5, 7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4, 18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus» (Lc 6, 20); e com eles Se identificou: «Tive fome e destes-Me de comer», ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. Mt 25, 34-40). (EG 197)

Como dito mais acima, a comunidade cristã, inspirada pela mensagem do Evangelho e pelo exemplo de Cristo, é chamada a refletir o rosto do Pai misericordioso no mundo. Sua identidade deve ser marcada pela misericórdia e compaixão, irradiando uma alegria contagiante que brota do compromisso com a vivência da austeridade e da simplicidade. Essa comunidade não pode se contentar em ficar

distante dos que sofrem, mas deve se fazer próxima dos pobres e marginalizados, tornando-se voz profética e instrumento de justiça e solidariedade.

A escuta atenta e o diálogo fraterno são fundamentais para o crescimento e a unidade dos membros dessa comunidade, pois é no encontro com o outro, com os fios do amor e da fraternidade, que se fortalece a trama do tecido eclesial e social. Assim como Jesus, que escolheu nascer em um ambiente humilde e anunciou o Reino aos pobres, a comunidade cristã é desafiada a seguir seus passos, reconhecendo nos pobres e necessitados a presença viva do próprio Cristo. Ao acolher, servir e cuidar dos mais vulneráveis, a comunidade testemunha que a misericórdia é a chave que abre as portas do Reino de Deus, concretizando assim a sua missão de ser luz e esperança em um mundo marcado pelas sombras da injustiça e da desigualdade, como destaca Francisco:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus «manifesta a sua misericórdia antes de mais» a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem «os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma «forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja». Como ensinava Bento XVI, esta opção «está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza». Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. (EG 198)

Na comunidade cristã, o discernimento é um exercício coletivo, onde os membros são chamados a descobrir juntos os caminhos que conduzem à maior fidelidade ao Evangelho e ao serviço ao próximo. É através do discernimento que a comunidade cresce em maturidade espiritual, fortalecendo sua capacidade de perceber os apelos de Deus e de responder com generosidade e coragem. Assim, o discernimento torna-se uma fonte de compreensão e sabedoria, guiando os passos da comunidade no seguimento de Cristo e na construção do Reino de Deus na terra.

O discernimento e o acompanhamento espiritual desempenham papéis fundamentais na caminhada da comunidade, guiando-a em sua constante busca pela

abertura à novidade e à diversidade. Essas práticas não apenas oferecem orientação individual, mas também ajudam a fomentar uma cultura de participação ativa e de corresponsabilidade entre todos os membros, promovendo o desenvolvimento integral do corpo da comunidade:

Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho. Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cómoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida. (EG 171)

Ao discernir juntos os caminhos a seguir e serem acompanhados espiritualmente ao longo dessa jornada, os membros da comunidade são incentivados a contribuir de maneira significativa para a formação e o crescimento do todo. Dessa forma, o discernimento e o acompanhamento espiritual não são apenas processos individuais, mas sim meios pelos quais a comunidade é capacitada a trilhar um caminho de autêntica renovação e enriquecimento espiritual, abraçando e celebrando a riqueza da diversidade que caracteriza o Corpo de Cristo.

O Papa Francisco ressalta a grande importância da memória na vida da comunidade cristã, uma característica intrínseca ao povo de Deus. Para os apóstolos, essa memória foi essencial para uma evangelização consciente e alegre, servindo como alimento espiritual. Da mesma forma, essa prática não pode ser negligenciada na trajetória contínua do Povo de Deus. O Papa encoraja as comunidades a refletirem sobre os eventos que moldam sua história, fazendo memória deles. Este exercício não apenas permite a gratidão pelos dons que Deus concede a cada comunidade em sua jornada em direção à eternidade, mas também fortalece a fé. Como destaca o Papa Francisco, "A memória é uma dimensão vital de nossa fé [...]. A alegria da evangelização brilha sempre no horizonte da memória grata: é uma graça pela qual devemos orar". (EG 13)

O modelo de Igreja proposto pela *Evangelii Gaudium* tem implicações concretas na vida na comunidade, pois ela precisa concretizar e expressar sua fé,

seguindo o exemplo deixado por Jesus, uma fé enraizada nas ações em defesa da vida em plenitude para todos. Por isso, a opção pelos pobres e marginalizados está no centro de toda ação missionária e visa a promoção da justiça social e da paz entre todos os povos.

O trabalho social está sempre inspirado na proposta de vida plena anunciada por Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida em abundância”. (Jo 10,10) No número 120, Francisco mostra, de forma clara e direta, o desejo de uma Igreja sinodal, recordando que o Batismo torna a pessoa membro do povo de Deus e, conseqüentemente, um discípulo missionário. E que todos, independentemente do grau de formação ou cargo que ocupa na Igreja, são agentes da evangelização. Diz ele:

Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. (EG 120)

A Igreja assume um dinamismo missionário, fazendo um apelo para que se busque conhecer a realidade social na qual cada comunidade está inserida e que isso leve, conseqüentemente, a um compromisso com a comunidade e com a realidade local; como os apóstolos foram chamados para viver em comunidade e proclamar o Reino de Deus, assim também o Papa, inspirado pelo Espírito Santo e alimentado pela Palavra de Deus, convida os seguidores de Jesus a proclamar o Reino, como missão primordial da comunidade. Diante da realidade em que vivemos é importante ter um olhar atento para as causas sociais, para a questão da justiça social e da dignidade de todos, favorecendo a presença do Reino de Deus no mundo:

Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma «caridade por receita», uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência. A proposta é o Reino de Deus (cf. Lc 4, 43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar conseqüências sociais. Procuremos o seu Reino: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo». (Mt 6, 33) O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso, pede aos seus discípulos: «Proclamai que o Reino do Céu está perto». (Mt 10, 7) (EG 180)

Reconhecemos, como cristãos, que Deus reina em nossa sociedade, portanto o cuidado com a Casa Comum é parte essencial do compromisso dos filhos de Deus. Cada seguidor de Jesus participa ativamente de todos os setores da sociedade como voz profética em busca de paz social e justiça para todos. Além disso, é crucial o cuidado com a preservação do meio ambiente, em destaque na *Evangelii Gaudium*:

A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos. Embora «a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política», a Igreja «não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça». Todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção dum mundo melhor. É disto mesmo que se trata, pois o pensamento social da Igreja é primariamente positivo e construtivo, orienta uma ação transformadora e, neste sentido, não deixa de ser um sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, «une o próprio empenho ao esforço em campo social das demais Igrejas e Comunidades eclesiais, tanto na reflexão doutrinal como na prática». (EG 183)

A participação na construção e no anúncio do Reino deve acontecer no diálogo, respeitando o outro em sua totalidade. Esse encontro e diálogo com o diferente ajuda a entendê-lo e respeitá-lo na sua singularidade e a descobrir a grandeza e a verdade que ele também possui:

Nesse sentido, para os cristãos, “diálogo” significa transcender os seus limites em direção ao outro e, respeitando a sua alteridade, dar-lhe testemunho do Evangelho de Jesus Cristo com palavras e atos. Através desse encontro dialógico é possível descobrir, elevar e consumir para a glória de Deus as sementes do bem, presentes no coração e no espírito dos seres humanos. (AUGUSTIN, 2018, p. 136)

Assim, a participação na construção e no anúncio do Reino de Deus é enriquecida pelo diálogo autêntico e respeitoso com o outro em sua totalidade. Nesse encontro fraterno e na troca de experiências, surge a compreensão mútua e o respeito pela singularidade de cada pessoa, revelando a grandeza e a verdade que cada um carrega consigo. Para os cristãos, o diálogo não é apenas uma troca de palavras, mas uma expressão do amor de Cristo que transcende os limites e acolhe o diferente com compaixão e misericórdia. Ao testemunhar o Evangelho com palavras e ações, os cristãos não apenas compartilham a mensagem de esperança e amor, mas também descobrem e promovem as sementes do bem que Deus plantou no coração de todos os seres humanos. Através do diálogo sincero e do testemunho do Evangelho,

podemos colaborar para a glória de Deus na construção de um mundo mais justo, fraterno e reconciliado.

2.2. As estratégias concretas do caminhar juntos explicitadas

Para caminhar junto, a Igreja precisa vencer alguns desafios que o Papa Francisco destaca como primordiais. Para a comunidade cristã é essencial que os cristãos sejam agentes de mudança positiva, buscando maneiras de superar esses obstáculos e promover os valores do amor, da justiça e da compaixão.

Os cristãos podem e devem se envolver mais ativamente em suas comunidades para combater o secularismo e a indiferença religiosa. E, ainda, compartilhar sua fé de maneira autêntica e relevante, adotar uma postura de abertura e respeito mútuo, demonstrando os valores do Evangelho através de suas ações e relacionamentos, algo nem sempre fácil de se concretizar, como Pádua, seguindo Francisco, nos recorda:

O abrir-se ao outro “tem algo de artesanal” (EG 244). É esforço, é construção, mas é o único caminho do peregrino, pois todos peregrinam juntos. Afinal, o ser humano é intersubjetividade, constrói-se e realiza-se como pessoa nas relações, não apesar delas. Não é uma “consciência isolada”. Na diferença dos povos, das religiões, nas Igrejas cristãs, a única forma de manifestar a unidade da humanidade é construindo caminhos, olhando no rosto a paz do único Deus e nos concentrando nas convicções que nos unem. (PÁDUA, 2014, p.142-143)

O individualismo e o consumismo, enquanto grandes desafios que são impostos pela atual cultura neoliberal, podem ser confrontados por meio de uma abordagem centrada no serviço e na partilha, que busca viver de acordo com os princípios da generosidade e do desapego material, evitando assim, uma economia que só pensa no bem-estar dos que detêm o poder e esquecendo as demais parcelas população. “Esta economia de exclusão gera e é sustentada por uma globalização da indiferença, um estado em que os que podem consumir ficam como que anestesiados pelo bem-estar e indiferentes diante dos milhões de vidas que não se desenvolvem” (PÁDUA, 2014, p. 138).

Outro desafio que é apontado por Francisco é o da superação do clericalismo e a necessária promoção da participação dos leigos. É importante, nesse sentido, que

as lideranças eclesiais incentivem e valorizem os dons e talentos de todos os membros da comunidade, permitindo que participem ativamente na vida da igreja e na tomada de decisões.

A polarização ideológica e o fundamentalismo são outros desafios incisivos nesse nosso momento atual. A busca pela sua superação passa através do diálogo construtivo, do respeito mútuo e do compromisso com a busca da verdade e da justiça, em vez de se envolver em confrontos que causam divisão e conflitos. Conflitos sempre vão existir, e eles podem ter uma dimensão positiva nas comunidades, desde que sejam trabalhados num caminho de superação, no diálogo, para “suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo” (EG 227).

Neste elenco dos grandes desafios que se apresentam à evangelização hoje, encontram-se as desigualdades sociais e a exclusão, que podem ser combatidas através do engajamento em ações de justiça social, defendendo os direitos dos mais vulneráveis e trabalhando para criar uma sociedade mais igualitária e inclusiva. “A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora”. (EG 178)

Todos esses desafios exigem uma resposta coletiva e comprometida da comunidade cristã, mas com a graça de Deus e o apoio uns dos outros, é possível superá-los e tornar o mundo um lugar mais justo, compassivo e amoroso. É importante que o cristão fique atento às ciladas de uma economia que só causa exclusão e ao mesmo tempo fortalece a indiferença, gerando dor e a morte dos irmãos mais necessitados. O Papa destaca essa preocupação: “O ser humano é considerado, em si mesmo, um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. Assim teve início a cultura do ‘descartável’, que, aliás, chega a ser promovida”. (EG 53) O cristão precisa recusar esse tipo de economia e cultura do descarte, pois todo ser humano deve ter sua dignidade respeitada como algo sagrado, e os direitos que daí decorrem precisam ser garantidos e efetivados.

O Papa Francisco convida os cristãos a saírem de sua cômoda “cultura do bem-estar” e agirem adequadamente buscando um caminho de libertação dos excluídos da sociedade. Para que isso aconteça, o cristão deve permanecer atento e olhar a realidade com olhar crítico; e não só, mas com o olhar de Jesus, num verdadeiro “discernimento evangélico” (EG 50) que deu bons exemplos de como promover a

inclusão daquelas pessoas que eram deixadas de lado pelo sistema. O Papa vai dizer que:

O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro «considerando-o como um só consigo mesmo». Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo procurar efetivamente o seu bem. [...] Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isto tornará possível que «os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em casa”. (EG 199)

Para que o cristão tenha um agir diferente, na contracorrente do consumismo, é necessário tomar consciência da verdadeira “idolatria do dinheiro” que se vive hoje, onde uma maioria é sacrificada, junto com o próprio meio ambiente natural e as demais espécies, para se obter um aumento dos lucros que só beneficiam, no fundo, uma ínfima minoria. O dinheiro deve servir ao ser humano e estar a serviço de todos, evitando o que tantas vezes acontece: “[...] os lucros de poucos crescem exponencialmente, e a maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz”. (EG 56)

A exclusão e desigualdade social levam à violência. “Enquanto não eliminarem a exclusão dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigar a violência.” Para uma mudança eficaz é necessário ir à raiz do problema, pois “o sistema social e econômico é injusto em sua raiz”. (EG 59) Essas são reflexões profundas e importantes. A violência e a exclusão são frequentemente sintomas de sistemas sociais e econômicos injustos, que perpetuam desigualdades e marginalizam certos grupos de pessoas. Para criar uma mudança eficaz e duradoura, é fundamental abordar as raízes desses problemas. Além disso, é essencial promover uma cultura do respeito, da empatia e solidariedade, que leve a reconhecer a dignidade de cada pessoa, independentemente de sua origem, etnia, religião ou status socioeconômico. Isso implica desafiar preconceitos e estereótipos e trabalhar para construir pontes de entendimento e cooperação entre diferentes grupos e comunidades.

A transformação real requer um compromisso coletivo e contínuo com a justiça social, a igualdade de oportunidades e o respeito pelos direitos humanos. É um processo complexo e desafiador, mas é fundamental para construir um mundo onde

a violência e a exclusão sejam verdadeiramente erradicadas. Os desafios são muitos, mas se o cristão estiver centrado na pessoa de Jesus, estará ao lado da Verdade.

A adesão verdadeira à pessoa de Jesus Cristo, levará o cristão a lutar com fé contra os diferentes desafios. A exortação apostólica convida e desperta no cristão o compromisso de uma vida em comunidade, em comunhão com Jesus, superando os desafios do egoísmo, da falta de compromisso com a comunidade, do pessimismo pastoral e de uma espiritualidade individualista. Como diz o Papa Francisco, é preciso reconhecer que “[...] o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado”. (EG 88)

A comunidade necessita viver uma verdadeira conversão pastoral e missionária. Essa conversão inicia-se a partir do momento em que se toma a decisão de colocar Jesus no centro de toda ação. A pessoa de Jesus Cristo e sua Palavra de Salvação são as razões da alegria missionária:

A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. (EG 273)

A renovação e conversão eclesiais devem ter como prioridade a formação dos novos cristãos, mas também dos que já vivem esse caminho de fé. Uma sólida formação espiritual e doutrinal capacita os cristãos a compreenderem melhor sua fé, a viverem de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo e a se tornarem agentes de transformação em suas comunidades e no mundo. Ao mesmo tempo, é necessário oferecer uma formação contínua para todos os cristãos, buscando sempre atualizar a formação recebida com os documentos do magistério da Igreja. Portanto, investir na formação dos cristãos, tanto dos novos quanto daqueles que já estão na jornada de fé, é investir no fortalecimento e na renovação da comunidade cristã como um todo, capacitando-a a responder aos desafios do mundo com base nos valores do Evangelho:

O mandato missionário do Senhor inclui o apelo ao crescimento da fé, quando diz: «ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado». (Mt 28, 20)

Daqui se vê claramente que o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento. A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela. (EG 160)

Jesus deve ser o centro da vida e a alegria de todos os seus seguidores, pois isso foi o que marcou a vida e a missão dos primeiros apóstolos, e assim deve ser também para quem se propõe segui-lo hoje. O verdadeiro encontro pessoal com Jesus Cristo se dá através do querigma e revela o amor Trinitário:

Voltamos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou querigma, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar.» (EG 164)

Uma comunidade que vive em espírito de oração e discernimento, fortalece a vida fraterna e a entrega ao serviço. Por isso, a comunidade cristã deve permanecer firme na oração, no caminhar juntos e favorecer maior participação de todos os seus membros. Quando a comunidade cristã deixa espaço para a ação do Espírito, seus membros são encorajados e capacitados a participar plenamente. Com isso, a Igreja se torna verdadeiramente viva e eficaz em seu testemunho do amor e da graça de Deus.

2.3. Os caminhantes atuais deste “caminhar juntos”

Francisco enfatiza que todos os membros da Igreja, independentemente de sua função específica, compartilham a responsabilidade de testemunhar o Evangelho e contribuir para a edificação do Reino de Deus na terra. Cada indivíduo possui um papel único a desempenhar e a colaboração entre todos os membros é essencial para o cumprimento da missão da Igreja. Essa colaboração reflete a diversidade de dons e carismas presentes na comunidade cristã, os quais são concedidos pelo Espírito Santo para o serviço mútuo e a edificação do Corpo de Cristo.

Esses diferentes sujeitos, tanto os indivíduos quanto os grupos, têm o potencial de enriquecer a Igreja, tornando-a mais missionária e samaritana, quando exercem seus dons e carismas ministeriais em prol do Reino. Guiados pelo Espírito Santo,

podem testemunhar o amor da Trindade para toda a humanidade. Cada membro da comunidade é chamado a participar ativamente da vida eclesial, construindo pontes e conduzindo os fiéis a uma participação cada vez mais eficaz na construção da justiça e na promoção do bem comum. Isso se manifesta através do cuidado com os pobres, da proteção da casa comum e do diálogo respeitoso com pessoas de diferentes tradições religiosas:

A evangelização implica também um caminho de diálogo. Neste momento, existem sobretudo três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica. Em todos os casos, ‘a Igreja fala a partir da luz que a fé lhe dá’, oferece a sua experiência de dois mil anos e conserva sempre na memória as vidas e sofrimentos dos seres humanos. (EG 238)

Para isso, é fundamental que haja uma participação ativa na vida da comunidade, onde cada membro se empenhe em construir pontes e promover a união entre os fiéis. O que implica um compromisso prático e concreto com a justiça social, com o cuidado dos mais vulneráveis e com o respeito pela diversidade religiosa e cultural. Somente através dessa participação ativa e comprometida, os cristãos podem verdadeiramente testemunhar os valores do Evangelho e contribuir para a construção de um mundo mais justo e fraterno, à imagem do Reino de Deus proclamado por Jesus Cristo.

O Papa Francisco ressalta, ainda, a importância da paz como um elemento fundamental da mensagem cristã. Ele enfatiza que a paz não é apenas a ausência de conflito, mas, sim, um estado de harmonia e justiça que promove o bem-estar de todos os seres humanos. O Papa exorta os cristãos a serem construtores da paz em seus relacionamentos pessoais, em suas comunidades e na sociedade em geral. Ele destaca que a paz verdadeira só pode ser alcançada quando há reconciliação, perdão e respeito mútuo entre os povos:

A paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras. Também seria uma paz falsa aquela que servisse como desculpa para justificar uma organização social que silencie ou tranquilize os mais pobres, de modo que aqueles que gozam dos maiores benefícios possam manter o seu estilo de vida sem sobressaltos, enquanto os outros sobrevivem como podem. As reivindicações sociais, que têm a ver com a distribuição das entradas, a inclusão social dos pobres e os direitos humanos não podem ser sufocados com o pretexto de construir um consenso de escritório ou uma paz efêmera para uma minoria feliz (EG 218).

Assumir a responsabilidade pela evangelização é considerado um imperativo para todos os membros batizados da comunidade cristã. Como discípulos de Jesus, cada indivíduo é convocado a incorporar os princípios e valores do Evangelho em sua vida cotidiana e a ser um testemunho vivo da Palavra de Deus. Essa responsabilidade evangelizadora é compartilhada por todos os fiéis, independentemente do grau de participação ou influência que possuam na comunidade. Cada membro é desafiado a discernir e a responder ao chamado de Cristo de forma autêntica e coerente com sua vocação batismal.

Ser um agente de transformação na sociedade implica, para o cristão, não apenas proferir palavras, mas também agir em conformidade com os princípios do Evangelho. Isso se traduz em uma participação ativa na busca pela justiça e na defesa dos direitos humanos em todos os âmbitos da vida social. Cada indivíduo é chamado a desempenhar um papel significativo na promoção de uma vida digna para todos os membros da sociedade, lutando contra as injustiças e desigualdades que perpetuam o sofrimento e a marginalização. Essa atitude implica em um compromisso concreto e contínuo com a construção de uma comunidade mais justa e solidária, inspirada pelos princípios do Evangelho de Jesus Cristo.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ressalta a importância do testemunho de fé e sacrifício dos mártires, bem como de missionários e missionárias que dedicam suas vidas ao serviço do Reino de Deus. Estes indivíduos exemplificam o compromisso com o anúncio do Evangelho através de suas ações de amor, caridade e solidariedade para com os mais necessitados. Assim como esses mártires foram inspirados pela Sagrada Escritura, cabe a cada cristão seguir tal exemplo:

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres: 'Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspectores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de os libertar (...). E agora, vai; Eu te envio...' (Ex 3, 7-8.10). E Ele mostra-Se solícito com as suas necessidades: «Os filhos de Israel clamaram, então, ao Senhor, e o Senhor enviou-lhes um salvador» (Jz 3, 15). Ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, colocamos fora da vontade do Pai e do seu projeto, porque esse pobre «clamaria ao Senhor contra ti, e aquilo tornar-se-ia para ti um pecado». (Dt 15, 9) (EG 187)

Diversos santos e santas são apresentados como modelos inspiradores de uma vida dedicada à propagação e vivência dos ensinamentos evangélicos. Seus exemplos não apenas inspiram, mas também desafiam os cristãos contemporâneos a imitarem sua entrega e devoção ao serviço de Deus e do próximo. Mesmo que a entrega da própria vida pareça, em alguns momentos, resultar num grande fracasso, a vida entregue de cada pessoa a serviço do Reino é sempre uma semente fecunda, que pode brotar mesmo no solo mais desértico:

Como nem sempre vemos estes rebentos, precisamos de uma certeza interior, ou seja, da convicção de que Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos, porque «trazemos este tesouro em vasos de barro». (2 Cor 4, 7) Esta certeza é o que se chama «sentido de mistério», que consiste em saber, com certeza, que a pessoa que se oferece e entrega a Deus por amor, seguramente será fecunda (cf. Jo 15, 5). Muitas vezes esta fecundidade é invisível, incontrolável, não pode ser contabilizada. A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando; está segura de que não se perde nenhuma das suas obras feitas com amor, não se perde nenhuma das suas preocupações sinceras com os outros, não se perde nenhum ato de amor a Deus, não se perde nenhuma das suas generosas fadigas, não se perde nenhuma dolorosa paciência. Tudo isto circula pelo mundo como uma força de vida (EG 279).

Nas comunidades, é evidente a presença de líderes comprometidos, cujo papel vai além de orientar as pessoas na fé. Eles também desempenham um papel essencial ao ajudar os membros das comunidades a encontrarem um caminho mais digno e comprometido com a transformação da sociedade em que estão inseridos. Estes líderes, ao compartilharem os princípios do Evangelho e agirem em prol do bem comum, contribuem significativamente para o crescimento espiritual e social das comunidades. É nesse sentido que Francisco procura destacar que

O Reino, que se antecipa e cresce entre nós, abrange tudo, como nos recorda aquele princípio de discernimento que Paulo VI propunha a propósito do verdadeiro desenvolvimento: «Todos os homens e o homem todo». Sabemos que «a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens». É o critério da universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, dado que o Pai quer que todos os homens se salvem; e o seu plano de salvação consiste em «submeter tudo a Cristo, reunindo n'Ele o que há no céu e na terra». (Ef 1, 10) O mandato é: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura» (Mc 16, 15), porque toda «a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus». (Rm 8, 19) Toda a criação significa também todos os aspectos da vida humana, de tal modo que «a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do

humano pode lhe parecer estranho». A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história. (EG 181)

Neste contexto, é fundamental que cada cristão assuma o desafio de viver e testemunhar os valores do Evangelho em todas as esferas da vida. Somente através de um compromisso autêntico e coerente com os princípios do Evangelho, e com a orientação dos líderes engajados, é possível contribuir efetivamente para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e comprometida com o Reino de Deus.

O Papa Francisco, na última parte da *Evangelii Gaudium*, destaca Maria como um modelo de fé e devoção para todos os cristãos. Ele ressalta a importância da humildade e da obediência de Maria diante da vontade de Deus, sintetizadas naquele seu “sim” ao anúncio feito pelo anjo Gabriel. Além disso, ele enfatiza o papel de Maria como intercessora e protetora da humanidade, destacando sua presença constante ao lado dos fiéis em suas necessidades e aflições. Para o Pontífice, a devoção a Maria não é apenas uma prática piedosa, mas sim um meio de nos aproximarmos de Jesus e de crescermos em nossa relação com Ele. Maria ocupa, então, um lugar especial na espiritualidade cristã, sendo uma fonte de inspiração e consolo para todos os que buscam seguir os passos de seu filho, Jesus Cristo.

Portanto a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* traz à luz a vitalidade e a urgência da missão evangelizadora. Convoca os fiéis a um renovado fervor missionário e a uma abertura ao diálogo, valores fundamentais que também encontramos no coração do processo sinodal. Tanto a exortação apostólica quanto o processo sinodal, convergem para a promoção de uma Igreja mais dinâmica, inclusiva e comprometida com os desafios do mundo contemporâneo e à busca contínua pela renovação da Igreja e pelo fortalecimento da fé cristã.

CAPÍTULO III

UM PROCESSO SINODAL EM CURSO

Ao longo dos anos, a Igreja percebeu que, estando inserida no mundo, para que sua fala seja percebida e acolhida como relevante, ela precisa estar em constante diálogo, tanto com seus membros como com as diferentes áreas do conhecimento e os diferentes segmentos da sociedade, e em última instância, estabelecendo uma outra forma de relação com toda a criação. O sínodo sobre a sinodalidade é uma dessas formas pelas quais a Igreja busca estar inserida no mundo, no tempo real que a humanidade está vivendo. Só assim, ela contribuirá para construção de um mundo realmente fraterno.

O sínodo sobre a sinodalidade foi convocado pelo Papa Francisco. Seu início aconteceu nos dias 9 e 10 de outubro de 2021, em Roma, e no dia 17 de outubro, nas Igrejas particulares. Esse processo de diálogo com todos os fiéis acontecerá por etapas. A primeira ação deste sínodo é o da escuta, tendo por objetivo escutar o máximo de pessoas possível. Esse processo de escuta será seguido de duas assembleias, em 2023 e 2024, que trabalharão com o material recolhido nas dioceses, na etapa da escuta.

Francisco ressaltou que o documento preparatório para o sínodo ajudará a Igreja a se interrogar e a buscar viver a missão de modo autêntico no hoje da história. Diz ele:

[...] Este itinerário, que se insere no sulco da “atualização” da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II, constitui um dom e uma tarefa: caminhando lado a lado e refletindo em conjunto sobre o caminho percorrido, com o que for experimentando, a Igreja poderá aprender quais são os processos que a podem ajudar a viver a comunhão, a realizar a participação e a abrir-se à missão. Com efeito, o nosso “caminhar juntos” é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário. (DOCUMENTO DE PREPARAÇÃO PARA O SÍNODO, 2021. 1).

A convocação do Papa Francisco para vivermos o Sínodo como um tempo de graça e renovação espiritual ressoa como um chamado urgente à comunidade cristã. Neste momento da história, a Igreja é convidada a reunir seus membros em espírito de fraternidade e escuta para discernirem juntos os caminhos que Deus deseja para a Igreja. É importante reconhecer este momento como um tempo de graça para todo o povo:

Vivamos, pois, esta ocasião de encontro, escuta e reflexão como *um tempo de graça* – sim, irmãos e irmãs, um tempo de graça – que nos ofereça, na alegria do Evangelho, pelo menos *três oportunidades*. A primeira é encaminhar-nos, *não ocasionalmente, mas estruturalmente* para uma *Igreja sinodal*: um lugar aberto, onde todos se sintam em casa e possam participar. Depois o Sínodo oferece-nos a oportunidade de nos tornarmos *Igreja da escuta*: fazer uma pausa dos nossos ritmos, controlar as nossas ânsias pastorais para pararmos a escutar. Escutar o Espírito na adoração e na oração. Como sentimos falta da oração de adoração hoje! Muitos perderam não só o hábito, mas também a noção do que significa adorar. Escutar os irmãos e as irmãs sobre as esperanças e as crises da fé nas diversas áreas do mundo, sobre as urgências de renovação da vida pastoral, sobre os sinais que provêm das realidades locais. Por fim, temos a oportunidade de nos tornarmos uma *Igreja da proximidade*. Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. (DOCUMENTO DE PREPARAÇÃO PARA O SÍNODO, 2021)

O Papa ressalta três palavras-chave para este Sínodo: comunhão, participação e missão: "Comunhão e missão são expressões teológicas que designam o mistério da Igreja. Através destas duas palavras, a Igreja contempla e imita a vida da Santíssima Trindade, mistério de comunhão *ad intra* e fonte de missão *ad extra*". A terceira palavra é "participação" (Papa Francisco, 2021).

Para que essas três palavras destacadas pelo Papa sejam aplicadas corretamente, é necessária uma quarta: a escuta. Como apontado mais acima, esse momento ou etapa da escuta ocorreu durante dois anos em todas as Igrejas Particulares e terá um papel importante nesse caminho sinodal. A escuta ajudará a perceber como anda a Igreja, a escutar o clamor do Povo de Deus e levar a uma ação mais eficaz na evangelização.

3.1 A escuta

O Papa tem enfatizado que é necessário escutar o que o Espírito Santo tem a nos dizer. O terceiro capítulo do documento de preparação do Sínodo discorre sobre escutar a Escritura. Ali se pode ler que

O Espírito de Deus, que ilumina e vivifica este "caminhar juntos" das Igrejas, é o mesmo que atua na missão de Jesus, prometido aos Apóstolos e às gerações de discípulos que ouvirem a Palavra de Deus e que a puserem em prática. Em conformidade com a promessa do Senhor, o Espírito não se limita a confirmar a continuidade do Evangelho de Jesus, mas iluminará as profundidades sempre novas da sua Revelação e inspirará as decisões necessárias para sustentar o caminho da Igreja (cf. Jo 14, 25-26; 15, 26-27; 16, 12-15). Por este motivo, é oportuno que o nosso caminho de construção de uma Igreja sinodal se deixe inspirar por duas "imagens" da Escritura. Uma

sobressai na representação da “cena comunitária” que acompanha constantemente o caminho da evangelização; a outra refere-se à experiência do Espírito, em que Pedro e a comunidade primitiva reconhecem o risco de colocar limites injustificados à partilha da fé. A experiência sinodal do caminhar juntos, no seguimento do Senhor e em obediência ao Espírito, poderá receber uma inspiração decisiva da meditação a respeito destes dois momentos da Revelação. (DOCUMENTO DE PREPARAÇÃO PARA O SÍNODO, 2021)

O texto acima ressalta a necessidade e a importância de caminhar juntos, assim como os discípulos de Emaús caminharam com Jesus (Lc 24, 13-35) e foram escutados em suas desilusões e desesperanças. A Igreja precisa escutar os fiéis que, guiados pelo Espírito, caminham e sentem o coração arder ao reconhecer a presença de Jesus na partilha com os irmãos e irmãs.

Continuando com o exemplo dos discípulos de Emaús, onde a participação e partilha são fruto da escuta, a partir do modelo de Jesus, percebe-se que a escuta requer que a mente e o coração de cada pessoa, seja ela leiga ou ministro ordenado, religioso consagrado ou não, estejam abertos, sem preconceitos. Colocar-se à escuta requer tempo, humildade, capacidade e abertura ao Espírito.

No Novo testamento, vemos esse processo de escuta entre os discípulos e discípulas. O exemplo mais usado é a Assembleia de Jerusalém, quando os Apóstolos se reuniram para decidir os assuntos que estavam prejudicando a convivência entre eles. O resultado dessa reunião foi a decisão de liberar os gentios convertidos da circuncisão e da observância da lei de Moisés.

O processo sinodal, em curso na Igreja, propõe a escuta e participação de todas as pessoas:

A escuta, chave para o desenvolvimento do Sínodo, ocorreu com o objetivo de elaborar o *Instrumentum Laboris* que foi utilizado durante o Sínodo. Neste processo, todas as dioceses e regiões do mundo inteiro, todas as pastorais, os grupos e movimentos puderam participar do processo de escuta. “No Sínodo o Espírito fala através da língua de todas as pessoas que se deixam guiar pelo Deus que surpreende sempre...” (FRANCISCO, 2015)

A primeira etapa deste processo, a escuta, mostra o desejo de conhecer o caminho que foi construído ao longo da história e, sobretudo, o que o Espírito pede hoje à Igreja. A escuta revela a riqueza que é a Igreja, com toda sua diversidade. Somente por essa escuta atenta em todas as dimensões é que a Igreja poderá caminhar para estar encarnada na realidade:

Portanto, para escutarmos a voz de Deus que ecoa em nossos corações e nos eventos históricos, na realidade que nos circunda e nas pessoas com as quais compartilhamos a mesma casa comum, é preciso reavivar em nós e em nossas comunidades a fé que nos faz acreditar que o Espírito Santo de Deus, que continua agindo e falando em todos esses lugares e situações, pedindo a ele o dom de poder acreditar para poder escutar a sua voz. Por isso, nunca será demais repetir a oração: 'Eu creio! Ajuda a pobreza de minha fé'. (SANTOS, 2023, p. 63-64)

A escuta como primeiro passo para esse caminho sinodal possibilitou uma amplitude do horizonte do ver, pois a partir do *Instrumentum Laboris*, os participantes tiveram uma visão geral da Igreja em suas diferentes realidades culturais.

3.2 A assembleia

A assembleia sinodal, pela primeira vez, não foi composta somente por bispos e padres, mas por diversas pessoas que não fazem parte da hierarquia da Igreja, mas que, como batizados, são chamados a colaborar nesse processo. O secretário geral do sínodo, Cardeal Mario Grech, ao anunciar a lista de membros que deveriam participar das sessões de 2023 e 2024, menciona que "procuramos incluir uma representação de todo o povo de Deus". Além dele, há outros dois subsecretários para a realização desse evento: Irmã Nathalie Becquart e monsenhor Luis Marín de San Martín. Pela primeira vez, uma mulher assume uma secretaria em algum organismo no Vaticano, mostrando, mais uma vez, que esse momento contempla todos os batizados e batizadas.

O próprio relatório de síntese exprime esse desejo de contemplar a todos os batizados e batizadas:

O Sínodo 2021-2024 continua a ir buscar energia a essa semente e a desenvolver as suas potencialidades. Na verdade, o caminho sinodal está a realizar aquilo que o Concílio ensinou sobre a Igreja como Mistério e Povo de Deus, chamado à santidade. Ele valoriza o contributo de todos os batizados, na variedade das suas vocações, para uma melhor compreensão e prática do Evangelho. Neste sentido, constitui um verdadeiro ato de ulterior recepção do Concílio, que prolonga a sua inspiração e lança de novo no mundo de hoje a sua força profética. (RELATÓRIO DE SÍNTESE, 2023)

A presença de mulheres consagradas e leigas, militantes de causas sociais, especialistas na área ecológica, professores universitários, além, claro, dos bispos, cardeais e representantes de diversos setores da Igreja Católica, bem como a presença constante do Papa Francisco, promovem um evento sem precedente na história da Igreja.

Essa diversidade levada em conta na escolha dos membros que participariam da assembleia sinodal contempla uma grande variedade de carismas, vocações, experiências eclesiais, idades, nacionalidades e gêneros. Além dessas diferenças que enriquecem a Igreja, as turbulências e crises que a humanidade vem sofrendo, fazem com que cada Igreja local possa responder de maneira singular ao apelo feito pelo Pontífice:

Esta situação que [...] irmana toda a família humana, desafia a capacidade da Igreja de acompanhar as pessoas e as comunidades a reler experiências de luto e sofrimento, que desmascararam muitas falsas certezas, e a cultivar a esperança e a fé na bondade do Criador e da sua criação. (DOCUMENTO DE PREPARAÇÃO PARA O SÍNODO 6)

Ainda no Documento preparatório, é ressaltada a necessidade de corresponder às particularidades que são apresentadas pelas Igrejas, seja pelos diversos ritos, pelas culturas, pelo processo de evangelização que foi feito em cada região:

Não podemos ignorar a variedade das condições em que as comunidades cristãs vivem nas diferentes regiões do mundo. Ao lado dos países em que a Igreja acolhe a maioria da população, representando um ponto de referência cultural para toda a sociedade, existem outros em que os católicos constituem uma minoria; em alguns deles os católicos, em conjunto com outros cristãos, experimentam formas de perseguição até muito violentas, e não raro o martírio. Se, por um lado, predomina uma mentalidade secularizada que tende a eliminar a religião do espaço público, por outro lado, existe um fundamentalismo religioso que não respeita as liberdades dos outros, alimentando formas de intolerância e de violência que se refletem também na comunidade cristã e nas suas relações com a sociedade. (DOCUMENTO DE PREPARAÇÃO PARA O SÍNODO 8)

Todos esses requisitos são para manter a máxima representatividade, a fim de abarcar todo o povo de Deus.

Entre os 364 membros que compõem a assembleia sinodal, o Papa Francisco escolheu, além dos bispos, 70 fiéis, dentre os 140 nomes apresentados pelos organismos continentais. Eles foram selecionados sobretudo em virtude de sua participação em várias funções no processo sinodal.

O processo de renovação e reforma eclesial proposto e conduzido por Francisco elenca dois pontos resgatados e inseparáveis na vida da Igreja: missão e sinodalidade. Comentando esses dois aspectos da eclesiologia do atual pontificado, Aquino Junior diz que “trata-se de uma reforma missionária sinodal, na qual a missão

é compreendida e vivida de modo sinodal e a sinodalidade é compreendida revivida na perspectiva e no dinamismo missionário”. (AQUINO JUNIOR, 2022, p. 93)

A grande novidade deste sínodo é o grande número de mulheres membros da assembleia. Desde o início de seu pontificado, Francisco tem falado abertamente sobre a necessidade de ter a contribuição de um olhar feminino para as decisões da Igreja. Atento a isso, providenciou para que o número de mulheres presentes na assembleia fosse significativo, de modo que a reunião conta com a presença de 85 mulheres, das quais 54 têm direito a voto. Uma das novidades é a presença de duas mulheres entre os presidentes delegados, ou seja, aqueles que presidem a Assembleia do Sínodo em nome e por autoridade do Pontífice quando este não está presente.

Após o Concílio Vaticano II, as mulheres começaram cada vez mais a ser ouvidas e respeitadas no ambiente eclesial. Mesmo com a impossibilidade de acesso aos ministérios ordenados, nas comunidades de base o protagonismo feminino ganhou espaço nas coordenações e articulações de grupos, movimentos e pastorais. Na América Latina, a teologia feminista se articula através de uma mudança de paradigma linguístico: “o conteúdo teológico denuncia a concepção patriarcal de Deus e a linguagem gerada a partir daí”. (BINGEMER, 2022, p. 210)

O sopro do Espírito Santo fez com que novos horizontes fossem desbravados pela teologia e pela Igreja. O silenciamento das mulheres por imposição da hierarquia da Igreja alimentou durante muitos anos a necessidade de se articular uma reflexão teológica que desfizesse essa condição.

Diversas vezes, na Sagrada Escritura, percebemos aspectos do feminino na linguagem utilizada para se referir a Deus. O Papa Francisco tem feito um resgate daquilo que é constitutivo da Igreja: homens e mulheres caminhando juntos. Maria Madalena, a Apóstola dos Apóstolos, foi a primeira anunciadora de Jesus ressuscitado (Jo 20, 11-23) e caminhou junto com Ele. Ao criar o Ser humano, Deus o criou homem e mulher, a fim de que sejam um só e ambos revelem o amor de Deus no mundo:

Durante a Assembleia experimentámos a beleza da reciprocidade entre mulheres e homens. Juntos relançamos o apelo das precedentes fases do processo sinodal, e pedimos à Igreja para crescer no compromisso de compreender e acompanhar as mulheres, do ponto de vista pastoral e sacramental. (RELATÓRIO DE SÍNTESE, 2023)

Nesse sentido, diz o documento, as mulheres “exigem justiça em uma sociedade marcada pela violência sexual e desigualdades econômicas, e pela tendência de tratá-las como objetos” (RELATÓRIO DE SÍNTESE, 2023), afirmando que o acompanhamento e a forte promoção das mulheres andam de mãos dadas.

3.3. O relatório

O relatório da primeira sessão do sínodo, que aconteceu entre os dias 04 e 29 de outubro de 2023, “*Uma Igreja sinodal em missão*”, foi escrito em três partes: “o rosto da Igreja sinodal”; “*todos discípulos, todos missionários*”; “*tecer laços, construir comunidades*”. Na introdução deste documento, podemos ver como foi oportuno e enriquecedor o trabalho de todos que ali puderam viver esta experiência de unidade na diversidade:

[...]«*todos nós fomos batizados num só Espírito para sermos um só Corpo*» (1Cor 12,13). Foi esta a experiência, cheia de alegria e de gratidão, que fizemos nesta Primeira Sessão da Assembleia sinodal, que se realizou entre 4 e 28 de outubro de 2023, sobre o tema “*Por uma Igreja sinodal. Comunhão, participação, missão*”. Pela graça comum do Batismo, pudemos viver juntos, com um só coração e uma só alma, mesmo com a diferença de proveniências, de línguas e culturas. Como um coro, procurámos cantar na variedade das vozes e na unidade dos ânimos. O Espírito Santo deu-nos a graça de experimentar a harmonia que só Ele consegue gerar: ela é um dom e um testemunho num mundo lacerado e dividido. (RELATÓRIO DE SÍNTESE, 2023)

A primeira parte do documento, explana a identidade da Igreja como uma comunidade sinodal, com todos caminhando juntos em busca de realizar a vontade de Deus. Destaca-se este “*caminhar juntos*”, proposto desde o início pelo Papa Francisco, e a importância da escuta, do diálogo e da participação de todos os membros da Igreja, incluindo os leigos, as mulheres e os jovens. A escuta atenta e o diálogo são inerentes ao povo de Deus, ainda que muitas vezes não tenham sido postos em prática. E o sínodo quer lembrar a cada membro da Igreja esse cuidado e atenção, que faz a Igreja caminhar e manter sempre vivo o anúncio da Boa Nova:

Escuta é o termo que melhor exprime a experiência mais intensa que caracterizou os primeiros dois anos do percurso sinodal e também os trabalhos da Assembleia. Fá-lo no duplo significado de escuta dada e recebida, de pôr em atitude de escuta e de ser escutados. A escuta é um valor profundamente humano, um dinamismo de reciprocidade, em que

alguém dá um contributo ao caminho do outro e recebe outra para si mesmo. (RELATÓRIO DE SÍNTESE, 2023)

Entre os principais temas discutidos estavam: a importância de participação na vida da comunidade; a formação para a iniciação cristã; uma Igreja que acolha todos os povos e nações; atenção preferencial pelos pobres; a realidade da Igreja como missão; o papel da mulher na vida da Igreja; uma Igreja que escuta e acompanha; a importância de evangelizar o meio digital. Todos os temas foram explorados em profundidade. Os participantes compartilharam suas experiências e perspectivas, buscando encontrar maneiras de responder aos desafios enfrentados pela Igreja e pela humanidade hoje.

Ao longo do Sínodo, emergiram recomendações e propostas para ações futuras, visando fortalecer a missão da Igreja na evangelização, na promoção da justiça social, na defesa dos direitos humanos e na construção de pontes entre diferentes comunidades e culturas:

Desde as origens, o caminho sinodal da Igreja está orientado para o Reino, que terá realização plena quando Deus for tudo em todos. O testemunho da fraternidade eclesial e a dedicação missionária ao serviço dos últimos nunca estarão à altura do Mistério do qual são sinal e instrumento. Não é para se colocar a si mesma no centro que a Igreja reflete sobre a sua configuração sinodal, mas para realizar da melhor maneira, apesar da sua incompletude constitutiva, o serviço ao advento do Reino. (RELATÓRIO DE SÍNTESE, 2023)

Para cada tema trabalhado foram recolhidas “as convergências, as questões a aprofundar e as propostas que surgiram do diálogo”. O conteúdo é importantíssimo para esse processo sinodal. A adesão do Povo de Deus é o caminho para ir crescendo em participação. “Cuidar da sua própria formação é a resposta que cada batizado é chamado a dar aos dons do Senhor, para fazer frutificar os talentos recebidos e colocá-los ao serviço de todos”. (RELATÓRIO DE SÍNTESE, 2023)

O documento convida a uma conversão sinodal, que implica em mudança de mentalidade e de estruturas na Igreja. A escuta mútua e o discernimento em comum são pilares desta conversão.

Os leigos têm papel fundamental na missão da Igreja, sendo eles protagonistas da evangelização, daí a necessidade de uma formação sólida e abrangente.

A seção do documento intitulada “Tecer laços e construir comunidade” explora os diferentes âmbitos da vida da Igreja onde a sinodalidade precisa ser concretizada. Ela destaca a importância da comunhão, da participação e da colaboração entre todos os membros da Igreja.

Como passos concretos necessários para que os fiéis possam, de fato, na Igreja, caminhar juntos, são apontados: o desenvolvimento de uma consciência e um modelo de uma Igreja mais acolhedora e misericordiosa, próxima dos pobres e marginalizados; a importância da formação para a sinodalidade, tanto para o clero como para os leigos; a necessidade de maior colaboração entre as diferentes dioceses e paróquias; a importância da participação dos fiéis na liturgia e na vida da comunidade.

O “*Relatório de Síntese*” é um documento importante que servirá como base para a segunda fase do Sínodo, que está programada para acontecer ainda neste ano de 2024. O documento apresenta uma visão inspiradora para o futuro da Igreja, como uma comunidade mais sinodal, participativa e missionária. Cabe agora fazer com que este trabalho seja refletido nas diferentes conferências episcopais:

Nos próximos meses, as Conferências Episcopais e as Estruturas Hierárquicas das Igrejas Católicas Orientais, servindo de elo de ligação entre as Igrejas locais e a Secretaria Geral do Sínodo, desempenharão um papel importante para o desenvolvimento da reflexão. A partir das convergências alcançadas, são chamadas a concentrar-se nas questões e nas propostas mais relevantes e mais urgentes, favorecendo o seu aprofundamento teológico e pastoral e indicando as implicações no direito canônico. (RELATÓRIO DE SÍNTESE, 2023)

O trabalho desta primeira assembleia é mais um passo do caminho que se iniciou, desde a convocação para a Igreja viver o espírito do sínodo, caminhar juntos para favorecer a comunhão. Essa caminhada sinodal só produzirá os frutos dela esperados se cada cristão, paróquia, diocese e região assumir isso como algo decorrente do compromisso batismal, como algo que se relaciona intimamente com a experiência salvífica de Deus e se deixar iluminar pela luz do Espírito Santo, que guia para o caminho da unidade em Cristo.

CONCLUSÃO

A Igreja que busca esse “caminhar juntos”, que deseja viver a comunhão, a participação e a missão, tem como norte teológico a orientação do Papa Francisco, pois ele convoca o povo de Deus a viver o novo, buscando suas referências na fonte mesma da experiência cristã. A *Evangelii Gaudium* oferece uma proposta atualizada e inspiradora para o “caminhar juntos” na Igreja, com ênfase na comunidade, na missão e na participação de todos. O processo sinodal em curso representa uma oportunidade concreta para colocar em prática esse “caminhar juntos” através da escuta, do diálogo e do discernimento. Podemos acolher o convite proposto pelo Papa, para que transformemos as estruturas da Igreja numa perspectiva mais sinodal, como um tema central de seus ensinamentos e como elemento fundamental da vida da Igreja que quer ser fiel ao que recebeu de Jesus desde o início do seu ministério.

Ao comparar o documento *Evangelii Gaudium* com o relatório de síntese, podemos observar uma semelhança dos temas em questão. Os cristãos batizados são chamados a constituir comunidade, formar uma Igreja aberta a todas as pessoas que dialoguem entre si e com as outras tradições religiosas, cuidar da formação e do amadurecimento da fé. Todos esses temas são familiares ao estilo do pontificado do Papa Francisco, orientando a Igreja a viver a missão com a maior autenticidade possível.

A eclesiologia do Papa Francisco entra em diálogo com as diferentes culturas, busca a unidade dos cristãos e o compromisso missionário de cada fiel. Como o próprio Jesus enviou cada um para anunciar e proclamar o Reino de Deus, cada cristão continua, hoje, a ser chamado para fazer parte da vida de uma comunidade e ser enviado em missão.

Caminhar juntos é um compromisso que exige conversão pessoal, escuta mútua e abertura ao novo. É um caminho de crescimento e amadurecimento, onde aprende-se a amar e servir uns aos outros. Que a graça de Deus sustente e inspire todos os cristãos nesse caminho, dando a cada um a graça de ser testemunho eficaz em uma Igreja de diálogo, de comunhão, de saída ao encontro dos irmãos, acolhedora e pronta para o serviço do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco; PASSOS, João Décio (Orgs.). **Por uma Igreja Sinodal**: reflexões teológico-pastorais. São Paulo: Paulinas, 2022.

BENTO XVI, PAPA. **Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração**; tradução José Jacinto Ferreira de Farias. — São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5. Ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2023.

CAVALIERI, Edebrande. **A escuta sinodal**. Disponível em <<https://www.aves.org.br/a-escuta-sinodal/>>. Acesso em 23 fev. 2024.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Versos Adversos**: antologia. 2. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2021.

CIPOLLINI, Pedro Carlos - **Por uma Igreja sinodal**: sinodalidade tarefa de todos. – 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2022.

COMBLIN, José. **Vocação para liberdade**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 1998.

CELAM. **Documento De Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007. Paulus, 2007.

DOCUMENTO PREPARATÓRIO PARA O SÍNODO. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-09/texto-lido-em-portugues.html>>. Acesso em 23 fev. 2024.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia**: Período Grego e Vida de Jesus – Primeiro Testamento. Volume 6. São Paulo: Paulus, 2005.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

PEDROSA_PÁDUA, Lúcia. O ser Humano, centro da Evangelii Gaudium. In.: AMADO, Joel Portela; FERNANDES, Leonardo Agostini. (Orgs). **Evangelii Gaudium Em Questão**: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2014, p. 135-145.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: Aproximação histórica. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRANCISCO, Papa: Discurso do Santo Padre aos membros do Sínodo para a família (05/10/2015). Disponível em: <<https://www.vatican.va>>. Acesso em: 18 Jan. 2024.

_____. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Reflexão Para o Início do Percorso Sinodal** (09/10/2021) Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>>. Acesso em 05 mar. 2024.

RELATÓRIO DE SÍNTESE: XVI Assembleia Geral Ordinária Do Sínodo Dos Bispos (4-29 /10/ 2023). Disponível em: <<https://www.uisg.org/pt/news/Relazione-di-Sintesi-della-XVI-Assemblea-Generale-Ordinaria-del-Sinodo-dei-Vescovi/>>. Acesso em 05 de mar. 2024.

SANTOS, Adelson Araújo dos. **Os passos espirituais do caminho sinodal**: encontrar, escutar, discernir. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

SESBOÛÉ, Bernard. **O homem, maravilha de Deus**: Ensaio de antropologia cristológica. Trad: Iranildo Bezerra Lopes. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2021.

JACINTO, Círio Alessandro. **A Sinodalidade No Ministério de Jesus**. In: LOPES, dos Santos (Orgs.) Sinodalidade e Pastoralidade: olhares diversos. São Paulo: Paulus, 2022. p. 61-83.

SOBRINO, Jon. **A fé em Jesus Cristo**: ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.